

***ALFABETIZAÇÃO DE ITUIUTABA: VIVÊNCIAS NO GRUPO
ESCOLAR GOVERNADOR CLÓVIS SALGADO - 1957-1971***

*Ituiutaba Literacy: Experiences in School Governor Group
Clóvis Salgado - 1957-1971*

Tânia Rezende Silvestre Cunha, Sonia Maria Santos

RESUMO

Esta é uma pesquisa dedicada a desvendar, a partir das práticas vivenciadas por duas alfabetizadoras, uma diretora e duas alunas, a História da Alfabetização no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado, do município de Ituiutaba, Minas Gerais, no período de 1957-1971. A partir da análise qualitativa das entrevistas e de todo o levantamento histórico e biográfico das práticas no Grupo Escolar em questão, observamos que a hipótese inicial de que a cartilha *Caminho Suave* teria sido utilizada no período em estudo foi contrariada. Percebemos, contudo, que as cartilhas utilizadas nessa época pelas alfabetizadoras foram *Cartilha da Infância* e *As Mais Belas Histórias*. Constatamos também que na mesma escola, durante o mesmo período e com as mesmas condições de trabalho, as alfabetizadoras utilizavam cartilhas e métodos diferenciados. A história oral, como metodologia da pesquisa, foi fundamental para a realização deste estudo. Os resultados revelam que as práticas são carregadas de valores e representações que essas profissionais construíram e constroem ao longo de toda a sua vida.

Palavras-Chave: Cartilhas. Alfabetização. História da Alfabetização

ABSTRACT

This is a survey dedicated to reveal, from literacy practices experienced by two, one director and two students, the History of Literacy in the primary school Governor of Clovis Salgado in the city Ituiutaba, Minas Gerais, in the period 1957-1971. From the qualitative analysis of interviews and all the historical and biographical survey of practices in the primary school in question, observed that the initial hypothesis that the suave would have been used in the study period was overruled. We realize, however, that the primers used for literacy at this time were the *Primer for Children* and *The Most Beautiful Stories*. We also note that in the same school during the same period and with the same working conditions, the literacy primers and used different methods. Oral history, as the research methodology was fundamental for this study. The results show that the practices are value-laden representations and that these professionals have built and built throughout his life.

Keywords: Primers. Literacy. History of Literacy

INTRODUÇÃO

Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos o que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser (THOMPSON, 1997, p. 57).

A questão central desta pesquisa é desvendar a história da alfabetização no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado a partir das práticas das alfabetizadoras. Para tal, entrevistamos cinco sujeitos. A princípio, buscamos todas as alfabetizadoras que atuaram neste Grupo Escolar no período de 1957 a 1971. Como encontramos apenas duas alfabetizadoras que atuaram neste período, iremos utilizar para a construção desta história as narrativas de duas alunas e da diretora do Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado, durante o período desta pesquisa.

O tema que propusemos foi a “História da Alfabetização de Ituiutaba: Vivências no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado – 1957- 1971”. Este estudo foi uma tentativa de investigar a história local da alfabetização no município de Ituiutaba, uma vez que atuei nesta área por mais de dez anos como professora alfabetizadora, no início da década de 80, observando que, apesar das discussões sobre a temática, os processos de alfabetização mantiveram sua essência.

Desse modo, esta pesquisa consiste no estudo referente ao percurso correspondente aos anos de 1957 a 1971, analisando a partir da implementação de políticas educativas relativas à organização do Ensino Primário, as propostas do ensino da língua materna determinadas no Programa de Ensino de Minas Gerais e a apropriação dessas propostas pelas alfabetizadoras e diretora entrevistadas.

O objetivo geral desta pesquisa foi contribuir para a construção da história da alfabetização na cidade de Ituiutaba, mediante a compreensão dos processos de alfabetização no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado. Dessa forma, o tema foi problematizado a partir de questões como: quais as normas e orientações para as turmas de alfabetização do Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado, na década de 1960? Quais as apropriações dessas normas e orientações por parte das alfabetizadoras e da diretora? Quais as cartilhas utilizadas? Quais as representações das alfabetizadas sobre as práticas das alfabetizadoras?

DESENVOLVIMENTO

Para o município de Ituiutaba, este trabalho é importante, pois constitui uma pesquisa qualitativa sobre os modos de pensar e o agir das alfabetizadoras que atuaram no Grupo Escolar Clóvis Salgado nesta década e, também, de duas alfabetizadas, além da diretora que contribuiu de forma significativa para a compreensão tanto do processo de alfabetização do período escolhido para realizar este estudo, como também do processo de criação e instalação do quarto grupo escolar do município de Ituiutaba, o Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado.

Nas narrativas das alfabetizadoras e de suas alunas, evidencia-se que o processo de Leitura e Escrita são atividades difíceis conceitualmente, principalmente em se tratando da língua portuguesa brasileira, assim como foi complexo o foco desta pesquisa, que foi ouvir e analisar cuidadosamente o concebido, experimentado, enfim vivenciado, pelas alfabetizadoras no grupo escolar.

A relevância social deste estudo está no fato de dar maior visibilidade à história local, a partir das práticas das alfabetizadoras, construídas sobre os modos de conceber e fazer com que as crianças se apropriassem da leitura e da escrita no grupo escolar, o que denominamos de alfabetização, visando somar a outras descobertas de pesquisas que estão sendo realizadas pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Universidade Federal de Minas Gerais (CEALE/UFMG) e Núcleo de Educação Infantil, Alfabetização e EJA da FAGED da Universidade Federal de Uberlândia (NEIAPE/UFU), a fim de construir e contribuir de forma mais efetiva com a história, memória e representação da alfabetização em Minas Gerais e porque não dizer no Brasil.

São inúmeras as questões que se colocam objetivando analisar a história da alfabetização, no que se refere aos modos de conceber e fazer o ensino das primeiras letras, utilizando cartilhas e métodos no grupo escolar no município de Ituiutaba, interior do estado de Minas Gerais na década de 60: A quem cabia realizar a escolha das cartilhas? Quais foram as cartilhas e métodos mais utilizados no grupo escolar Clóvis Salgado? Que lugar e tempo as cartilhas e métodos ocuparam no cenário da alfabetização do grupo escolar Clóvis Salgado? Quais foram as razões das escolhas realizadas? Quais foram as concepções teórico-práticas que as alfabetizadoras

construíram em torno dos modos e usos das cartilhas? Quais eram os materiais pedagógicos auxiliares das cartilhas e por que dessas escolhas?

A fim de desenvolvermos esta pesquisa de cunho histórico, utilizamos como metodologia a História Oral, além de algumas fontes documentais tais como jornais da época, ata da Câmara Municipal de Ituiutaba, documentos encontrados na Escola Estadual Governador Clóvis Salgado. A partir do cruzamento das fontes orais, documentais e iconográficas construímos parte da história da alfabetização de Ituiutaba. As análises metodológicas foram aplicadas com base nos seguintes teóricos: Aranha (1996), Cagliari (1989; 1999), Kramer (1986), Soares (1987), Vidal (2006), Santos (2001).

As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas dentro de uma perspectiva qualitativa e histórica, com base nos referenciais teóricos apresentados e em documentos encontrados no Arquivo Público Mineiro e no CEALE – Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da FAE (Faculdade de Educação), da Universidade Federal de Minas Gerais.

O propósito desse estudo foi compreender, além das práticas das alfabetizadoras, como as alfabetizadas viveram o processo de alfabetização, vivenciado no Grupo escolar, na década de 1960.

As narradoras são moradoras do município de Ituiutaba, hoje aposentadas, e todas de alguma forma foram atoras do cenário pesquisado: o Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado no período de 1957 a 1971.

São elas: duas alfabetizadoras, duas ex-alunas dessas alfabetizadoras e a diretora da escola, que ficou neste cargo por vinte e sete anos. Uma vida dedicada a educação Ituiutabana. Hoje essa “pequena senhora” é um ícone na cidade, seu trabalho é reconhecido por professores, alunos e técnicos que passaram por essa escola, e mesmo pela sociedade tijucana.

Fiquei na direção 27 anos. Quando eu era auxiliar da diretoria... Eu passei para a direção em 1960, o Clóvis Salgado foi instalado em 1957 e em 60 eu me tornei diretora com a aposentadoria da dona Maria Moraes (DINIZ1, 2010).

A partir das narrativas das alfabetizadoras e das alfabetizadas, que são as testemunhas do período estudado, pudemos entrelaçar juntamente com as referências estudadas e compreendidas sobre o assunto, as práticas desses sujeitos e os acontecimentos históricos desse período.

A história vivenciada pelas narradoras foi mais complexa do que inicialmente pensávamos. Alfabetizar não se reduz somente a uma questão de se utilizar o melhor método de ensino ou a melhor cartilha. As escolhas estão relacionadas às crenças e vidas pessoais das alfabetizadoras.

No início deste estudo, tínhamos como hipótese que a cartilha utilizada nos grupos escolares no município de Ituiutaba, seria também a cartilha Caminho Suave da autora Branca Alves de Lima, pois, em vários textos, dissertações e teses lidas, essa cartilha aparecia como a mais vendida e utilizada em todo país na década de sessenta.

Esperávamos, portanto, ser esta a realidade do Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado. Entretanto, as duas cartilhas usadas nesta época pelas alfabetizadoras, foram a Cartilha da Infância e As Mais Belas Histórias, que muitas pessoas, inclusive a própria alfabetizadora Moraes (2010) refere-se como a cartilha dos Três Porquinhos. Segundo ela, “era a história dos três porquinhos e depois os cartazes e as fichinhas. Cada cartaz era trabalhado em uma sequência. No terceiro e no quarto cartazes era minha casa é de palha e eu sou um palhaço”.

Constatamos também que na mesma escola, durante o mesmo período, com as mesmas condições de trabalho, as alfabetizadoras utilizavam cartilhas diferenciadas em turmas diferentes. Não só cartilhas, mas o método também era diferenciado. Segundo Diniz1 (2010), foram utilizados métodos e cartilhas diferentes, por recusa de uma das alfabetizadoras em utilizar o método Global. Essa alfabetizadora preferiu usar o método silábico, o qual “dominava” e compreendia.

Outra questão que merece destaque é com relação à maneira como essas docentes foram alfabetizadas. Pois, segundo elas suas práticas foram influenciadas de maneira significativa pelas práticas de suas alfabetizadoras.

Eu sei que aprendi a ler nesse primeiro aninho como a gente falava e eu gostava muito, adorava minha professora. Acho que a maioria dos

meus colegas aprendeu a ler com ela também, minha turma era uma turma complicada, difícil. Acho que repeti, em minha prática, o que ela fazia na sala de aula. (DINIZ 2)

Compreender a história das políticas educacionais do nosso país no período de 1957 a 1971 foi importante, no sentido de nos ajudar a analisar as práticas vivenciadas no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado. Conhecer a história vivida por cinco protagonistas que atuaram no Ensino Primário de um grupo escolar de Ituiutaba, cidade do interior do estado de Minas Gerais, foi essencial, pois sem as narrativas, esta história não seria conhecida e muito menos socializada, uma vez que as fontes documentais foram perdidas ao longo do tempo.

Pela falta de um arquivo específico, muitos documentos desgastaram-se e foram jogados fora. Durante algumas visitas ao Arquivo Público Mineiro com sede em Belo Horizonte, consegui encontrar uma única ata: a de criação e instalação do quarto grupo escolar do município de Ituiutaba e as legislações da educação mineira. De posse das narrativas das cinco personagens foi possível entender como eram as práticas realizadas para alfabetizar as crianças, como também compreender como foi construída a estrutura física e em que condições o trabalho era realizado no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado. Mesmo sem a infraestrutura adequada, o trabalho era realizado com sacrifício, criatividade e esforço pessoal como afirma Diniz 2 (2010).

A persistência dos profissionais envolvidos neste grupo foi primordial para o sucesso da alfabetização dos alunos no período deste estudo. Com auxílio das narrativas das alfabetizadoras foi possível viajar no tempo, compreendermos as políticas públicas do período e seu contexto histórico no qual o governo criou os grupos escolares, cujo objetivo era escolarizar a nação brasileira.

Com a LDBEN (Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional) 5.692/71, os grupos escolares são extintos e passam a ser escolas estaduais. Entretanto, essas mudanças na nossa região foram somente com relação à nomenclatura. Mudou-se o nome, mas as práticas e as concepções que reinavam nos grupos escolares permaneceram ainda por muito tempo.

A História Oral nos possibilitou a construção e reconstrução da História Local vivida por cinco mulheres no Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado, por meio de seus relatos individuais. Para Alberti, a História Oral não pertence a um campo estrito

do conhecimento, “sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno pluridisciplinar” (1989, p. 41).

As entrevistas foram realizadas neste estudo como fontes, para que pudéssemos mergulhar e compreender o que fizeram no passado, ao lado de pouquíssimos documentos escritos, imagens e das fontes bibliográficas encontradas.

Nesse sentido, o que fizemos neste estudo foi a tentativa de cruzar fontes, cada uma com seu valor. Isso tornou o estudo dessa história mais subjetivo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.

No processo de ensinar e de aprender, é necessário considerar que cabe ao alfabetizador o papel central, já que possui saberes que são mobilizados, utilizados e produzidos por ele no âmbito de seu trabalho cotidiano.

Nos estudos teóricos compreendemos que os educadores da Escola Nova introduziram o pensamento liberal democrático, defendendo a escola pública para todos, a fim de se alcançar uma sociedade igualitária e sem privilégios. Freire (2005) como um dos grandes pedagogos da atualidade, se embasa em uma pedagogia libertadora, preocupada com o contraste entre a pobreza e a riqueza que resulta privilégios. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, faz uma abordagem dialética da realidade, cujos determinantes se encontram nos fatores econômicos, políticos e sociais. Considera que o conhecer não pode ser um ato de “doação” do educador ao educando, mas um processo que se estabelece no contato do homem com o mundo vivido. E este não é estático, mas dinâmico, em contínua transformação.

Freire (2005) defende a autogestão pedagógica. O professor é um animador do processo, evitando as formas de autoritarismo que costumam minar a relação pedagógica.

Para Saviani (1999), tanto as pedagogias tradicionais como a Escola Nova e a Pedagogia Tecnicista são, portanto, não críticas, no sentido de não perceberem o comprometimento político e ideológico que a escola sempre teve com a classe dominante.

As narrativas evidenciam ao longo do estudo as escolhas, as apropriações e as tentativas que as docentes fizeram com o intuito de acertarem. No período deste estudo, descubro que a profissão das alfabetizadoras calcava-se no conhecimento dos métodos, das cartilhas, na decifração do código escrito, no conhecimento objetivo, no conhecimento das letras, das palavras e nos seus sons. Até os anos 70, dominar apenas esse saber era suficiente para ser uma boa alfabetizadora.

Com a evolução das pesquisas nessa área, descobrem-se outros elementos que devem ser considerados tanto pelos formadores que atuam nos cursos de formação continuada desses profissionais, como também pelas próprias alfabetizadoras, uma vez que o contexto das aprendizagens não se encontra mais o mesmo.

Para Tardif (2002), os saberes do profissional que exerce a docência servem de base para o ensino, e eles são construídos nos mais diferentes lugares e fontes, tais como: a formação básica e continuada de alfabetizadoras, o currículo e a socialização da vivência escolar; dos conhecimentos a serem ensinados; a experiência na profissão; a cultura pessoal profissional; a aprendizagem com os pares, entre outras.

Nóvoa (1992), em seus estudos, busca recuperar a história da investigação pedagógica, pontuando que, durante um longo período, consideramos um progresso a possibilidade de estudar o ensino para além dos alfabetizadores. Afirma que dessa forma “reduzia-se a profissão docente a um conjunto de competências e de capacidades, realçando essencialmente a dimensão técnica da ação pedagógica” (p.15). O autor classificou os anos 60 como sendo o período em que os professores, de maneira geral, aqui incluímos os alfabetizadores “*ignorados*”, permaneceram “*ausentes nos estudos sobre a dinâmica educativa*”.

Nos anos 70, foram “esmagados” pelo tecnicismo e acusados de reproduzir as desigualdades sociais. As mudanças nos estudos sobre a formação básica e continuada das alfabetizadoras ocorridas nas três últimas décadas do século passado buscaram superar os problemas focados em três pólos inter-relacionados. Um foi tentar superar a racionalidade técnica como fundamento em sua formação, o evidente afastamento entre a pesquisa acadêmica e a prática de sala de aula; o segundo pólo buscou romper com a idéia clássica ou medieval de que a formação básica tem como

resultado um profissional pronto para atender às necessidades concretas da sala de aula; o terceiro, foi esclarecer definitivamente que, em se tratando da educação de outros seres humanos, não poderia existir uma relação linear entre os processos de ensino e de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão da identidade foi fundamental quando indagamos sobre a vida e a pessoa das alfabetizadoras e de suas alunas, ou seja, quando quisemos saber como e por que cada uma se tornou a alfabetizadora que foram. A identidade, conforme Nóvoa (1992), não é um dado adquirido ou um produto, mas um lugar de lutas e de conflitos. É um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Dessa forma, faz sentido crer que a nossa prática, o nosso jeito de alfabetizar está diretamente ligado ao que somos como indivíduos quando ensinamos. Trata-se, portanto, de uma investigação que buscou produzir outro conhecimento, não especificamente sobre como se deve alfabetizar, ou sobre as alfabetizadoras em si, mas sobre como foi ser alfabetizadora no Grupo escolar Governador Clovis Salgado.

Muitas cartilhas no decorrer da história tiveram poucas mudanças com relação ao conteúdo. Elas não consideram o que a teoria de Piaget preconiza sobre como o sujeito cognoscente constrói conhecimentos, como pensa e, conseqüentemente, desenvolve seu raciocínio lógico-matemático. Os exercícios são em sua maioria mecânicos e não auxiliam as crianças na fase da alfabetização a desenvolverem o raciocínio lógico matemático. Este estudo mostra também a forma com que os métodos de ensino alternaram-se no decorrer da história da alfabetização no Brasil. Apesar dos problemas conceituais de concepção da língua materna, apresentados nas cartilhas, as alfabetizadoras conseguiram ensinar as crianças a lerem e a escreverem, mesmo que de forma mecânica.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, Maria Lúcia Arruda. *História da Educação*. São Paulo: Moderna, 1996.
- CAGLIARI, I. C. *Alfabetização e lingüística*. São Paulo: Scipione, 1989.

- _____. *Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu*. São Paulo: Scipione, 1999.
- _____. Alfabetização – o Duelo dos Métodos In. SILVA, Ezequiel Theodoro da CAMARGO, A. *O Método Qualitativo: usos e perspectivas*. In: III CONGRESSO NACIONAL DE SOCIOLOGIA. Sociologia, Sociologias. Sociedade Brasileira de Sociologia, Brasília, 1987.
- CASASANTA, Lúcia M. *As mais belas histórias: pré-livro*. (Coleção educação contemporânea). Belo Horizonte: Editora do Brasil em Minas Gerais, 1966.
- _____. *As mais belas histórias: pré-livro – Parte do mestre*. 5 ed. São Paulo: Editora do Brasil, s/ano.
- FONSECA, Anita. *O livro de Lili*. 136 ed. São Paulo: Ed. Do Brasil, 1964.
- FRADE, Isabel Cristina A. da S.; MACIEL Francisca Izabel P. *História da Alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT- Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/ FAE, 2006.
- FRADE, Isabel; MACIEL Francisca Isabel P. *Projeto de pesquisa Cartilhas Escolares: Ideários, Práticas Pedagógicas e Editoriais: Construção de repertórios analíticos e de conhecimentos sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS 1870-1980)* 2001.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação?* São Paulo: Paz e Terra. 2005
- GARCIA, Sônia Maria S. *O conhecimento matemático nas séries iniciais: Conceitos e pressupostos dos professores*. Dissertação de mestrado. Uberlândia: UFU, 1995.
- KRAMER, S. *Alfabetização, dilemas da prática*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.
- LIMA, Branca Alves de. *Caminho Suave*. Alfabetização pela imagem. 70 ed. São Paulo: Caminho Suave, 1968.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Lúcia Casasanta e o método global de contos; uma contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais*. Tese (doutorado). Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2001
- _____. Alfabetização em Minas Gerais: adesão e resistência ao método global. In FARIA, Luciano M. e PEIXOTO, Ana Maria C. (orgs.) *Lições de Minas: 70 anos de Secretaria de Educação*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, 2000.
- MARTINELLI, M. L. *Pesquisa qualitativa – um instigante desafio*. São Paulo: Editora Veras, 1999.

MEIHY, J.C.S.B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola, 1998.

NÓVOA, A. (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Trad. de Graça Cunha et al. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1992, p. 13-33.

SANTOS, Sônia Maria. *Histórias de alfabetizadoras Brasileiras: entre saberes e práticas*. PUC-São Paulo: 2001. (Tese de doutorado).

SOARES, G. M. R. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 1987.

SAVIANI, Demerval; ALMEIDA, Jane S. de; SOUZA, Rosa Fátima de; WALDEMARIN, Teresa Vera. *O legado Educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados. 2004.

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: RJ: Vozes, 2002.

VIDAL, D. G. (org.). *Grupos Escolares no Brasil: cultura escolar primária e escolarização da infância*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.

FONTES ORAIS

CARVALHO, Nanci Rodrigues de. *Entrevista cedida à pesquisa História da Alfabetização de Ituiutaba: O Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado em 2010*

DINIZ 1. Maria Mirza Cury. *Entrevista cedida à pesquisa História da Alfabetização de Ituiutaba; O Grupo Escolar Clóvis Salgado em 2010*.

DINIZ 2 Regina Eugenia Cury. *Entrevista cedida à pesquisa História da Alfabetização de Ituiutaba: O Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado em 2010*.

MORAES, Dirce Franco de. *Entrevista cedida à pesquisa História da Alfabetização de Ituiutaba: O Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado em 2010*.

SIGNORELLI, Maria Elisa Alves. *Entrevista cedida à pesquisa História da Alfabetização de Ituiutaba: O Grupo Escolar Governador Clóvis Salgado em 2010*.

AUTORAS

Tânia Rezende Silvestre Cunha, doutora em Educação, pela Universidade Federal de Uberlândia, professora da Fundação Educacional de Ituiutaba – FEIT, associada à Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, Campus de Ituiutaba-MG.
tania silvestre13@yahoo.com.br

Sonia Maria Santos, doutora em Educação, pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professora de EJA no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia. Docente permanente do curso de mestrado e doutorado da UFU.
soniaufu@gmail.com